



PROMOÇÃO PARA AS FESTAS

 PlayStation Store

BRASIL

Degradação da Amazônia já chegou a ponto irreversível, diz estudo

 10 JAN 2020  17h44



COMENTÁRIOS

Pesquisa conduzida por cientista brasileiro aponta que desmatamento e mudanças climáticas podem aumentar área atingida por queimadas, transformando floresta de sumidouro em fonte de carbono. Professor na Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos, o engenheiro florestal brasileiro Paulo Brando costuma usar uma analogia simples do mundo financeiro para explicar a importância da preservação da Amazônia. Ele convida o interlocutor a imaginar uma conta poupança. "Bem grande, cujos juros geram bastante dinheiro. Mas em vez de dinheiro, nela há um estoque de carbono. Ou seja, os juros são a capacidade de absorção de mais carbono."



Trecho da Amazônia atingido por queimadas perto de Porto velho, em foto de agosto de 2019

Foto: DW / Deutsche Welle

SAIBA MAIS

[Bolsonaro demonstra despreparo sobre tensão entre EUA e Irã](#)

["Caixãozinho estava pronto", diz prima de menina desaparecida](#)

[Mega-Sena acumula pela 2ª vez seguida e pode pagar R\\$ 10 mi](#)

[Ex-procuradora-geral da Paraíba cita 6 deputados em delação](#)

"Quanto mais você tira o dinheiro, menos juros essa conta rende. No caso das queimadas na Amazônia, estamos tirando a capacidade de absorção do carbono. Então basicamente os incêndios florestais somos nós queimando dinheiro", compara o cientista.



Já fez seu planejamento financeiro para 2020?

Se você precisa de ajuda para a colocar seus **planos para 2020 em prática** e deixar as **dívidas no passado**, o **Terra Empresas tem 5 dicas preciosas para você! Saiba mais**

Nesta sexta-feira (10/01), o periódico científico Science Advances traz uma pesquisa conduzida por Brando, na qual ele modelou os cenários da floresta brasileira diante das queimadas e do aquecimento global. E o futuro não é nada animador. A Amazônia caminha para o colapso, diz o pesquisador.

"No pior dos cenários, 16% da floresta serão queimados daqui para a frente até 2050. Junto a outros fatores de degradação, isso vai interagir

com o clima", afirma ele, à DW Brasil. "Estamos jogando uma roleta russa ambiental. Não sabemos qual é o número [a data exata do colapso], mas estamos chegando cada vez mais perto. Se chegarmos, a coisa vai para o buraco. O fogo é catalisador do processo."



Já fez seu planejamento financeiro para 2020?

Se você precisa de ajuda para a colocar seus **planos para 2020 em prática** e deixar as **dívidas no passado**, o **Terra Empresas tem 5 dicas preciosas para você! Saiba mais**

A pesquisa mostra que os níveis de desmatamento e o cenário previsto para o aquecimento global irão contribuir para intensificar ainda mais as queimadas na Amazônia.

Em agosto do ano passado, a floresta brasileira teve uma quantidade de incêndios bem acima da média. No período, foram registrados 30.901 focos de incêndio - a média registrada entre 1998 e 2018 para o mesmo mês era de 25.853. Comparando somente com o mês de agosto do ano anterior (10.421 focos de incêndio), a alta foi de 196%.

"O resultado desse processo é que, com a intensificação do fogo, haverá mais emissão de carbono na atmosfera. O desmatamento interage com mudanças climáticas e pode aumentar ainda mais a área queimada e as emissões pelo fogo", comenta Brando. Trata-se de um ciclo vicioso, diz.

"Nosso estudo prevê o impacto disso na floresta. A Amazônia se protege do fogo porque tem um sub-bosque úmido, que não deixa as folhas secarem. A proteção da floresta é este sub-bosque. Quando há uma seca, uma temperatura mais alta, as plantas podem ficar estressadas hidricamente e jogar folhas para reduzir esse estresse. Com isso, entra mais luz, seca o sub-bosque e acaba essa proteção." Então, conforme explica o cientista, o fogo gerado nas zonas desmatadas, por ação humana, "escapam e invadem a área de floresta primária".

Segundo Brando, o estágio desse processo já é tão grave que, mesmo se todo o processo de desmatamento fosse interrompido hoje, o índice de incêndios prováveis para as próximas décadas seria reduzido em apenas 50%. "Se compararmos a Amazônia que existia na primeira década dos anos 2000 e a que deve existir em 2050, a área queimada quase dobra", afirma.

De acordo com a pesquisa, a degradação da Amazônia já chegou a um

ponto irreversível. "Em nossas simulações, a floresta não consegue se recuperar totalmente mais, mesmo em uma condição sem nenhum fogo", pontua. "Mesmo que haja, na natureza, uma tendência de recuperação, [no atual estágio] isso não é suficiente, porque as mudanças climáticas não permitem. Então tem mais carbono ficando na atmosfera."

Ciclo vicioso

"Os cenários futuros de clima gerados por modelos climáticos, que têm incertezas, sugerem que, no futuro, devido ao aumento de temperatura e de concentração de dióxido de carbono, a floresta pode entrar em colapso, por não conseguir mais absorver mais carbono - e passar a emitir carbono", comenta o climatologista e meteorologista José Marengo, coordenador-geral de Pesquisa e Desenvolvimento, do Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden).



**3 ali
ene**

Come
cansa



Doutor Nature

Segundo ele, isso significa a transformação de uma floresta sempre verde numa área florestal do tipo secundária ou mesmo na chamada savanização da Amazônia, ou seja, numa "vegetação tipo cerrado".

"[Esse cenário] pode agravar a situação atual de aquecimento global", completa o climatologista. "Podemos ter um clima mais seco, quente. E isso pode favorecer mais o risco de fogo e queimadas, que no final liberam ainda mais dióxido de carbono."

De acordo com o climatologista Carlos Nobre, pesquisador da Universidade de São Paulo (USP), a floresta "não perturbada" tem absorvido nas últimas décadas uma quantidade que varia entre 1 bilhão e 2 bilhões de toneladas de gás carbônico por ano.

"Globalmente, as atividades humanas emitem cerca de 40 bilhões de toneladas por ano", afirma ele. "Portanto, a Amazônia retira da atmosfera entre 2,5% e 5% de todo o dióxido de carbono emitido. Se ela se tornar uma fonte de carbono, tanto pelo seu desmatamento, pelo aumento da destruição da floresta pelo fogo, quanto pelo próprio aumento da morte de árvores devido às mudanças climáticas, perde-se este importantíssimo serviço ecossistêmico para o planeta."

Ação humana

Os incêndios ocorridos em 2019, concordam os especialistas, estiveram diretamente ligados à ação humana. "2019 não foi um ano anormalmente seco, como foi 2016, na Amazônia. Ainda assim, os desmatamentos e as queimadas induzidas diretamente por ações humanas aumentaram muito. O número de queimadas e a área queimada na Amazônia brasileira quase dobraram em 2019 em relação a 2018 e foram até bem maiores do que em 2016, ano de uma seca extrema", diz Nobre.

"Isto é, o aumento de queimadas não pode ser atribuído somente a fatores de secas extremas. A ação humana em desmatar e colocar fogo para abrir novas áreas para a agropecuária contribuem muito para o aumento das queimadas", acrescenta.

Segundo o climatologista, também o tradicional uso do fogo na agricultura tropical contribui para uma maior ocorrência de queimadas. "Muitas das áreas de florestas que pegam fogo são contíguas a áreas de agricultura. É o fogo para limpar a pastagem ou resíduos de culturas agrícolas escapam e propagam pelo chão da floresta. Podem propagar por centenas de metros no chão da floresta, queimando a biomassa da serrapilheira, mas também afetando árvores e aumentando a mortalidade de muitas árvores, que vão morrendo em anos subsequentes", explica.

"As queimadas na Amazônia são majormente geradas pelo homem, e com atmosfera e superfície secas o fogo se propaga rapidamente. O ano 2019 é sim uma mostra do que pode acontecer se aquecimento global aumenta e se desmatamento aumenta, mas não podemos dizer que a situação de 2019 vai se repetir em todos os anos seguintes", acrescenta Marengo.

| YouTube

| App | Instagram | Newsletter



A Deutsche Welle é a emissora internacional da Alemanha e produz jornalismo independente em 30 idiomas.



COMENTÁRIOS



publicidade

